

# A EDUCAÇÃO DO CAMPO E OS DESAFIOS DO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL

## FIELD EDUCATION AND THE CHALLENGES OF EMERGENCY REMOTE TEACHING EM INGLÊS

Jaqueline Stein 1  
Mônica Strege 2  
Marluce Zacariotti 3

**Resumo:** Este artigo trata da discussão sobre os desafios que a pandemia provocada pelo coronavírus trouxe para a Educação do Campo. Trata-se de um relato de pesquisa qualitativa realizada com estudantes de salas anexas de uma escola pública da cidade de Vila Rica, no Estado de Mato Grosso. O objetivo foi ouvir os estudantes do campo acerca dos desafios enfrentados por eles quanto ao ensino remoto durante a pandemia. A coleta de dados ocorreu entre novembro e dezembro de 2020, envolvendo levantamento de bibliografia e aplicação de questionário a 25 estudantes, na faixa etária de 15 a 37 anos de idade. A pesquisa evidenciou que as juventudes do campo não estão alheias aos acontecimentos e nem às tecnologias digitais, no entanto foi visível que a educação no formato remoto excluiu esses alunos, sendo a falta de conectividade o principal fator desta exclusão.

**Palavras-chave:** Educação do Campo. Ensino Remoto. Pandemia.

**Abstract:** This article discusses the challenges that the pandemic caused by the coronavirus brought to Rural Education. This is a report of a qualitative research carried out with students from adjoining classrooms of a public school in the city of Vila Rica, in the state of Mato Grosso. The aim was to hear from field students about the challenges they faced with remote learning during the pandemic. Data collection took place between November and December 2020, involving a bibliography survey and application of a questionnaire to 25 students, aged between 15 and 37 years old. The research showed that rural youths are not unaware of the events or digital technologies, however it was visible that education in the remote format excluded these students, with the lack of connectivity being the main factor of this exclusion.

**Keywords:** Rural Education. Remote Teaching. Pandemic.

- 
- 1 Mestre em Educação (UFT). Graduada em Letras (Unipar). Professora na Seduc/MT. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6284993169129977>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9039-3108>. E-mail: [jaquestein@hotmail.com](mailto:jaquestein@hotmail.com)
  - 2 Mestra em Educação (PPGE/UFT). Especialista em Ensino de Biologia (UAM). Graduada em Ciências Biológicas (UNIVAG). Pesquisadora do Grupo de CNPq-Gepce/Minorias/UFT. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9223420360715550>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2810-8913>. E-mail [stregemonica@gmail.com](mailto:stregemonica@gmail.com)
  - 3 Doutora em Educação (PUC-Go). Mestre em Ciências da Comunicação (ECA/USP). Profa. Associada do curso de Jornalismo (UFT). Vice coordenadora do Mestrado Profissional em Educação (UFT). Coordenadora do Grupo de Pesquisa Comunicação, Sociedade e Meio Ambiente(CNPq) e o Núcleo de Pesquisa, Extensão e Práticas Jornalísticas (UFT). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4391204994734508>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4834-1088>. E-mail: [marluce@mail.uft.edu.br](mailto:marluce@mail.uft.edu.br)

## Introdução

O ano de 2020 foi marcado pela Pandemia da Covid-19. Diante de todas as mudanças impostas nas mais diferentes áreas e no cotidiano de todos, o termo “novo normal” virou moda, sendo uma expressão que marca um novo modo de estarmos no mundo. Tal situação implica debates e discussões devido à necessidade de reestruturar a sociedade a fim de conter a disseminação da pandemia que, se alastra pelo planeta e que já ceifou milhões de vidas e também para manter de alguma forma as atividades. Deste modo, o distanciamento social, preconizado como medida necessária promoveu o fechamento de escolas, portanto trouxe a necessidade de se fazer ajustes para seguir ofertando o ensino.

Dentre os ajustes surgiram as aulas remotas mediadas por Tecnologias Digitais da Comunicação e Informação (TDICs) em substituição às aulas presenciais. O parecer CNE/CP nº 5/2020 MEC, aprovado em 28 de abril de 2020, que tratou da reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da Covid-19, apresenta várias instruções para os diferentes níveis, etapas e modalidades de educação.

Ou seja, era preciso reorganizar as atividades educacionais por conta da pandemia, com vistas a minimizar os impactos das medidas de isolamento social na aprendizagem dos estudantes, considerando a longa duração da suspensão das atividades educacionais de forma presencial nos ambientes escolares. Essa situação, na verdade, só acelerou um processo de mudança previsto para a educação na base nacional comum curricular (BNCC), que já admite diferentes formas de organização da trajetória escolar.

O grande problema é que as mudanças foram implantadas sem que houvesse tempo para planejar ou adequar, simplesmente chegou a demanda de adaptação para que as juventudes, ou uma parte delas que frequentavam a escola de forma presencial pudessem ter acesso à educação. Assim as diferentes formas de organização previstas pela BNCC para a trajetória escolar foram se instalando e sendo postas em práticas.

Tendo essa dimensão da necessidade de implantar um sistema alternativo de ensino para contornar o problema causado pela pandemia, buscamos contribuir para a reflexão sobre as diferentes realidades envolvidas nesse processo, uma vez que o Brasil é imenso, tem assimetrias econômicas, sociais e culturais, além das limitações já pontuadas de uma reorganização educacional feita às pressas, sem formação e estrutura adequadas. Partindo de nossa própria experiência com aulas no campo, sentimos a necessidade de entender melhor como as juventudes do campo foram atendidas nesse momento em que a sociedade vive essa pandemia. Se falamos em condição social e representação, como esses estudantes estão sendo vistos, ou melhor, como foi (ou não) pensado o direito de acesso e permanência na escola para essas juventudes?

Deixamos claro que, para nós, as juventudes são múltiplas e exemplificam muitos modos de ser e de estar no mundo e, por isso, adotamos o termo no plural, como conceito, Dayrell (2017, p. 1) “juventude deve ser entendida, ao mesmo tempo, como uma condição social e uma representação.” [...] “Não existe uma juventude, mas sim juventudes, no plural, enfatizando, assim, a diversidade de modos de ser jovem na nossa sociedade”. Ou seja, não se trata de uma questão etária e sim da situação juvenil. É partindo desse olhar que desenvolvemos nossas discussões.

## Do que falamos?

Para compreender um pouco sobre juventudes León (2005, p. 10) aponta que:

[...] a necessidade de falar e conceber diferentes “adolescências” e “juventudes”, em um sentido amplo das heterogeneidades que se possam apresentar e visualizar entre adolescentes e jovens. Isto ganha vigência e sentido, a partir do momento que concebemos as categorias de adolescência e juventude como uma construção sociohistórica, cultural e relacional nas sociedades contemporâneas, onde as intenções

e esforços na pesquisa social, em geral, e nos estudos de juventude, em particular, têm estado focados em dar conta da etapa da vida que se situa entre a infância e a fase adulta. Por sua vez, infância e fase adulta também são resultados de construções e significações sociais em contextos históricos e sociedades determinadas, em um processo de permanentes mudanças e ressignificações.

Esse referente de pensar as juventudes como resultado de construções sociais em contextos dados vai ao encontro das preocupações desse trabalho, que busca, exatamente, levantar as especificidades de determinado grupo para o qual não cabem generalizações, seja do ponto de vista de aplicações técnicas, seja em relação aos sentidos da aprendizagem.

Arruda (2020) ressalta que o avanço da pandemia trouxe mudanças em todas as esferas sociais, principalmente na educação. Mudanças, de acordo com especialistas, necessárias. Contudo, elas foram aceleradas dada a urgência em se adequar ao contexto atual. A necessidade de manter o distanciamento social, trouxe uma imposição para a educação, que precisou ser mediada por recursos de mídias digitais para que pudesse ser ofertada por meio do uso das Tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs).

Moreira, Henriques e Barros (2020) destacam que diante da disseminação e popularização das TDICs, do uso da internet e dos celulares, é improvável não pensar em uma solução que não faça uso desses recursos digitais para mitigar a interrupção do ensino. Sendo assim, provoca uma mudança de perspectiva em relação ao processo de ensino. Até aí, tudo bem. A situação exigiu ação, busca de alternativas, mas não tem como não pensar nos percalços desse processo. O professor, por exemplo, teve sua vida altamente impactada, pois precisou se reinventar e assumir novos papéis com os quais não estava habituado. Sem falar na falta de formação, nas dificuldades de estar em casa, de dividir os espaços, do uso de equipamentos próprios, entre outros problemas. Na outra ponta, os alunos também foram fortemente impactados por uma mudança, que não é só de forma, mas também de conteúdo.

Esta mudança traz à tona um debate importante sobre a necessidade de ressignificar a educação básica, sendo fundamental deslocar o foco para a aprendizagem ao invés de olhar apenas para o ensino. Para isso é importante trazer o estudante para o centro do processo. Demo (2018) afirma que é hora da escola se adequar às mudanças frente aos novos paradigmas sociais, o estudante não pode ser passivo diante do processo de ensino em meio às potencialidades do uso das TDICs.

Castells (2000), há mais de 20 anos, mostrava como o computador reconfigurou as relações humanas, oportunizando novos espaços e novas possibilidades. Hoje, além de computadores temos o poder da internet, das redes sociais, smartphones, aplicativos, softwares, plataformas das mais variadas. Enfim, um universo de opções que a educação pode se apropriar. São inúmeros recursos disponibilizados a fim de inovar e potencializar a aprendizagem, e, de certa forma, o interesse dos estudantes.

Sobre o uso das TDICs na escola, Zacariotti (2019, p. 617) “Isso ajudará no sucesso do educando no processo de ensino e aprendizagem, pois haverá melhor sinergia com as mudanças do mundo tanto do ponto de vista pedagógico como social.” Uma das potencialidades apresentadas pelo uso das mesmas na educação é a possibilidade de pesquisar acerca dos mais diversos assuntos. A questão que fica é como fazer isso? Estar disponível não é o mesmo que ter acesso e condições. Num país como o Brasil há muito a se evoluir para que haja igualdade de acesso e de oportunidades.

Assim, considerando as diferentes realidades e voltando nosso olhar para a educação do campo Rocha, Coelho e Bombarda (2020, p. 139) apontam que “a escola rural é responsável pelo acesso e permanência da grande diversidade das populações rurais brasileiras”. Qual a condição dessas escolas para a prática de ensino com uso de tecnologias? Esta é uma questão séria, que demanda um olhar específico e pesquisas que possam nos trazer elementos palpáveis para refletirmos. Independente de tecnologia, a escola que atende este público deve garantir o espaço e o envolvimento dos estudantes por meio de suas experiências, instigá-lo a ser um agente ativo no processo de aprendizagem e, com isso, promover a interação entre o objeto de estudo, o desenvolvimento de competências e a sua autonomia perante o ato de aprender.

Valorizar a vivência do estudante do campo é considerar seus saberes. Portanto, a escola deve ser um espaço democrático onde todos tenham a oportunidade de expressar seus anseios no sentido de construir uma identidade local. Para isso a escola precisa estar aberta ao diálogo. Como ressalta Dayrell (2009, p. 07) “é preciso, portanto, compreender as expectativas dos jovens estudantes a respeito de sua formação escolar e a avaliação que eles fazem dessa.”

## **A pandemia e o ensino remoto no campo**

Os impactos da pandemia foram vivenciados também pelos estudantes do campo, implicando em desafios ainda maiores. Esforços foram e continuam sendo feitos a fim de permitir a inserção e o acompanhamento das aulas de forma remota para que os mesmos não sejam excluídos e possam alcançar os objetivos de aprendizagem propostos no currículo escolar. Ou pelo menos para que não se perca todo o conteúdo.

Como as escolas fecharam suas portas foi necessário recorrer às TDICS, pois não há dúvidas de que o desenvolvimento tecnológico pode contribuir significativamente com o processo de ensino aprendizagem, pois estabelece conexões com diversos sujeitos em diversos locais do planeta. Porém é necessário mencionar que o profissional da educação do Estado de Mato Grosso, assim como de todo o Brasil, teve que se adaptar à essa mudança de um dia para o outro, investir em equipamentos e em internet. O papel da secretaria estadual de educação foi voltado a questões burocráticas, o estado implantou a educação remota de forma parcial, deixando o planejamento e a formação dos professores em segundo plano. Sabe-se que de modo geral escolas públicas de todo o país não estavam preparadas para educação mediada por tecnologias digitais. Não vínhamos experienciando praticamente nada nesse sentido. Assim, pode-se dizer que a pandemia impôs adaptações inesperadas, rápidas e emergentes para todos. No entanto, quando falamos de uma realidade do interior do país e ainda mais de escolas em municípios rurais, essa situação é ainda mais agravada.

No Mato Grosso, onde uma das autoras deste trabalho atua e onde se localiza a escola que investigamos para este artigo, a escola pesquisada tem sua Sede na área urbana e propôs uma dinâmica que envolvia as seguintes atividades para o professor: produzir material didático, registrar cada detalhe quanto à localização ou não do aluno, se falou com os pais e/ou responsáveis, além de preencher uma ficha de busca ativa, fazer registros por meio de “prints” de todas as conversas, lançamentos no diário eletrônico e realizar avaliações. Um aumento significativo de atribuições, que os professores tiveram de executar para poder dar sequência ao ano letivo. O pior problema é que tudo isso ocorreu sem a assistência devida por parte da secretaria de educação. Ou seja, não houve a mínima formação, nem disponibilização de equipamentos, nem apoio para intermediar o diálogo com as famílias. Tudo ou maior parte da responsabilidade ficou ao encargo dos professores.

Tendo feito essa introdução da discussão, apresentamos a nossa proposta que é fazer uma reflexão desse ensino remoto emergencial, no ano de 2020, a partir da percepção dos estudantes do campo em um município da zona rural de Mato Grosso, mais precisamente na escola Vila Rica, em Vila Rica. Procuramos ouvir suas experiências e desafios enfrentados no ensino remoto, que foi a alternativa para dar continuidade à aprendizagem no contexto da pandemia da Covid-19. A intenção é promover uma discussão sobre o ensino na zona rural e os muitos desafios que ainda se precisa enfrentar para garantir minimamente igualdade de condições de aprendizagem para todos nesse imenso país. Independente de questões tecnológicas, embora no contexto da pandemia isso tenha ganhado ainda mais relevância.

## **Educação no Brasil: mesmas exigências; diferentes condições**

A educação brasileira apresenta nuances que precisam ser consideradas para que possamos discuti-la. A começar pela análise geográfica, pois o Brasil apresenta dimensões continentais. De acordo com Frigotto (2017) existe uma vasta desigualdade social, acentuada principalmente nas regiões periféricas. Há de se pensar também na multiculturalidade, uma vez que cada região apresenta especificidades regionais. Para além desses aspectos, há assimetrias econômicas, que

restringem a igualdade de oportunidades, de acessos e de condições.

Quando se trata da educação no contexto do campo é preciso ter um olhar ainda mais específico. Cabe ressaltar que embora nas últimas décadas a população rural esteja cada vez mais migrando para zonas urbanas é preciso compreender que existe uma parcela da população que resiste e permanece no campo. E cabe ao estado oferecer condições para que estas pessoas permaneçam no campo e tenham seus direitos garantidos, inclusive o direito à educação. Santos (2017, p. 213) aponta que “No âmbito das políticas públicas para educação do campo existem inúmeros problemas que precisam ser urgentemente encarados e resolvidos.”

Para compreender a situação da educação do campo atualmente é necessário fazer uma retrospectiva histórica acerca da educação brasileira. Para começar, ao se implantar o sistema educacional apenas os filhos da elite tinham acesso à escola, pois a consolidação da educação oportunizava a participação na política. Ao longo do tempo as desigualdades sociais foram se acentuando, sendo a escola restrita à um grupo. Deste modo a educação foi implantada de forma gradativa, a fim de inserir um novo projeto político. Portanto, estender a educação para o campo foi um plano estratégico caracterizado por um processo de colonização (SAVIANI, 2008, p. 29):

O processo de colonização [que] abarca, de forma articulada, mas não homogênea ou harmônica, antes dialeticamente, esses três momentos representados pela colonização propriamente dita, ou seja, a exploração da terra subjungando os seus habitantes (os índios); a educação enquanto aculturação, isto é, a inculcação nos colonizados pelas práticas, técnicas, símbolos e valores próprios dos colonizadores; e a catequese entendida como a difusão e conversão dos colonizados à religião dos colonizadores.

De acordo com Saviani (2008), o processo de implantação do sistema educacional brasileiro não foi pautado no desenvolvimento social e sim em interesses diversos, como a aculturação promovendo colonização de mentes voltadas a atender anseios da classe dominante, disseminando seus símbolos, costumes e crenças.

Nas últimas décadas a sociedade avançou significativamente neste debate e com a criação, em 2004, no âmbito do Ministério da Educação, da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, à qual está vinculada a Coordenação Geral de Educação do Campo, significa a inclusão na estrutura estatal e federal de uma instância responsável, especificamente, pelo atendimento dessa demanda a partir do reconhecimento de suas necessidades e singularidades (BRASIL, 2007, p. 12).

A criação de um órgão responsável pela educação do campo nas esferas nacionais, estaduais e municipais confere à modalidade um patamar de visibilidade, importância e atenção valorizando-a. Ziech (2017, p. 107) “As escolas passam a ser mais estruturadas com infraestrutura melhorada, mais materiais e equipamentos, facilitando o trabalho pedagógico, no sentido, de diversificar as formas de conduzir as aulas.” Assim, as escolas do campo passam a ser estruturadas no sentido de atender suas demandas de forma mais eficiente. Contudo, ainda é necessário avanço nos mecanismos legais.

Permite-se incorporar à especificidade da educação do campo, quanto a sua oferta e organização curricular, o contexto onde a escola está inserida, permitindo, assim, a flexibilização do calendário escolar para atender às demandas sociais, o que possibilita a permanência dos estudantes na escola e contribuindo para conter a evasão escolar. Em muitos momentos, dependendo de colheitas, de trabalhos no campo que ocorrem em épocas específicas, pode-se observar a desistência de alunos, que precisam ajudar seus pais ou seus patrões. Por isso é importante ter essa flexibilidade de calendário. Arroyo (2007, p. 163) destaca que estas adaptações são necessárias. Ele explica que “esta seria uma das marcas de especificidade da formação: entender a força que o território, a terra, o lugar tem na formação social, política, cultural, identitária dos povos do campo.” Fica claro, para nós, que apenas conhecendo e respeitando o estudante e suas demandas é possível

pensar uma educação de qualidade.

A educação no campo já enfrenta inúmeros desafios. Diante da pandemia da Covid-19 os problemas se aprofundaram, principalmente em função das fragilidades tecnológicas e a falta de uma boa rede de Internet. De acordo com a Agência Brasil (2020) na área urbana o índice de conectividade no Brasil é de 62%, enquanto na zona rural fica em 32%. Deste modo, não é difícil perceber a desigualdade das condições e, claro, a dificuldade para o desenvolvimento do ensino remoto, que pode ter promovido a exclusão de muitos estudantes. Mas para o diagnóstico mais concreto é necessário que tenhamos mais pesquisas para entender a situação.

A desigualdade fica evidente, justamente no momento que requer a adequação das escolas para o ensino não presencial. A máxima de que a educação é direito de todos, tema caro à sociedade, pois aponta para a liberdade e emancipação do sujeito, é confrontada pela diferença socioeconômica do país. Harvey (2008) observa que o desenvolvimento tecnológico promove dinamismo social, por meio de movimentos que coadunam em revoluções capazes de deixar para trás velhos hábitos, promovendo novos hábitos, métodos e linguagens.

Contudo, o desenvolvimento tecnológico não existe desatrelado das condições e contextos dados. A educação, seus métodos, metodologias precisam de atualização. Isso é fato. No entanto, há elementos no processo que podem ser promotores ou redutores; facilitadores ou impedidores. (LÉVY,1998, p.13) já destacava isso.

A fusão das telecomunicações, da informática, da imprensa, da edição, da televisão, do cinema, dos jogos eletrônicos em uma indústria unificada da multimídia é o aspecto da revolução digital que tem sido mais enfatizado. Entretanto, esse não é o aspecto mais importante.

Assim como diz Lévy todas estas mudanças ocasionadas pela tecnologia não são os aspectos mais relevantes, importa também como a sociedade se apropria deste conjunto de elementos que se apresentam como revolucionários. Todavia, vale refletir como a tecnologia pode ser agregada a diferentes aspectos, atividades e possibilidades de nossas vidas. A educação não deve estar de fora desta reflexão.

Voltando o olhar para o ensino remoto emergencial, claro que foi uma alternativa para a continuação do ano letivo, ao mesmo tempo trouxe enormes desafios aos envolvidos, principalmente aos professores, como já observamos. A falta de conhecimento para explorar as potencialidades dos inúmeros recursos disponíveis na educação por meio tecnologias digitais tem sido um grande impasse para escolas públicas. Miranda e Rocha, (2020, p.110) destacam que no Brasil;

Os problemas vão desde a ausência de políticas voltadas ao uso das tecnologias móveis nas escolas e instituições de ensino, passando pela cultura do uso de TICs com dispositivos fixos, e até ausência, mesmo em tecnologias fixas, de uso de políticas de desenvolvimento na área. A conclusão é de que há um atraso em todos os quatro estágios de desenvolvimento de uso das tecnologias móveis: emergência, aplicação, integração e transformação.

Portanto, como ressaltam os autores, é preciso repensar a oferta da educação com uso das TICs e enfrentar os velhos problemas que continuam. Ninguém esperava a continuidade por tanto tempo do ensino remoto. E cada dia parece mais claro que nada voltará a ser como antes. Fala-se em ensino híbrido, autores defensores de ensino a distância se mostram ainda mais entusiastas, mas deve-se ter muita cautela. Não só com a questão da centralidade das tecnologias como salvadoras da educação e a certeza de melhor qualidade; como também com a condenação clara ao ensino presencial/tradicional. São questões que precisam ser debatidas com cuidado, com dados, com especialistas.

Para Rosa (2020, p.1) “A oferta de uma educação mediada pela tecnologia sempre enfrentou barreiras, principalmente pautadas na desinformação e falta de preparo dos docentes.” A autora traz uma problemática que é real, pois falta de fato formação continuada dos professores voltada a

explorar este vasto campo de possibilidades, que permitem ampliar a interação e reduzir as barreiras temporais e geográficas. Mas será só isso? Que outras barreiras existem? Para nós, algo imperioso é o não cumprimento de requisitos mínimos na educação. Então, se não cumprimos nem o básico, como já exigir competência, expertise, metodologias, desempenho de alunos e professores numa proposta de ensino com mais uso de tecnologias digitais e plataformas?

Ou seja, no momento em que o opera-se o uso das TDICs na educação básica de modo imperativo graças à pandemia, inaugura-se uma realidade completamente nova e diferente. Em se tratando da educação do campo, então, tudo é ainda mais novo. E, por isso, é necessária uma atenção especial voltada a atender as perspectivas deste público, a fim de promover uma educação inclusiva e de qualidade. Santos (2020) destaca que a pandemia vem apenas agravar uma situação de crise já vivenciada pela população mundial. O coronavírus expôs algumas fragilidades estruturais, entre elas as imensas desigualdades sociais existentes em diversas nações. Portanto, desafia a sociedade em seus diferentes aspectos.

Portanto, importa, mais do que dizer que é preciso usar as tecnologias, discutir o cenário real, diagnosticar os problemas e apontar as soluções, que passam, necessariamente por uma mudança nas políticas educacionais. Só assim é possível garantir condições para que todos os estudantes deem sequência aos estudos e que a educação possa ir se atualizando, incluindo novas formas de ensinar e de aprender.

## **A escola Vila Rica em meio à pandemia**

Com vistas a contribuir para o conhecimento de realidades, que podem ajudar a pensar todos os aspectos já pontuados neste trabalho, envolvendo a relação educação/tecnologias/desigualdades, fizemos uma pesquisa de abordagem qualitativa com estudantes da escola Estadual Vila Rica, em Vila Rica/MT, município que fica distante 1.300 Km aproximadamente da capital Cuiabá/MT. Sua realização ocorreu no segundo semestre de 2020. O público investigado foi constituído por 25 estudantes do Ensino Médio, devidamente matriculados na escola, distribuídos entre os projetos e assentamentos Santaninha, São José, Vila da Paz, Ipê, Santo Antônio do Beleza, Beleza I, Caxangá e Vila Carmelita. Todos do turno matutino.

Vale ressaltar que o formulário foi disponibilizado para os estudantes que frequentam a escola atualmente, mais especificamente do projeto Beleza I. A Escola Estadual tem um total de 210 alunos matriculados nas salas anexas do campo, sendo 87 do sexo masculino e 123 do sexo feminino. A sala anexa pesquisada foi a da comunidade Beleza I, distante da cidade 17 quilômetros, mas que recebe alunos de outras comunidades, projetos e assentamentos, pois se trata de uma Escola Municipal nucleada e o estado oferta o Ensino Médio na denominada sala anexa do campo. A sala anexa localizada no projeto Beleza I tem um total de 45 alunos, sendo 17 do sexo masculino e 28 do sexo feminino. Deste total 31 alunos têm acesso à internet e dispõem de aparelhos para sua conectividade. Já os 14 são atendidos com material impresso, disponibilizado pela escola. Cabe destacar que muitos alunos, devido à dificuldade de transporte e/ou acesso, recebem o material em casa, através do transporte escolar.

Os investigados estão na faixa etária de 15 a 37 anos de idade. Sendo que três estudantes têm 15 anos; sete possuem 16 anos, 9 estudantes têm 17 anos; três têm 18 anos, e os outros três restantes, 21, 25 e 37 anos. Quanto ao sexo 18 participantes da pesquisa são do sexo feminino e 7 do sexo masculino.

Antes de tudo, apresentamos à gestão da escola estadual Vila Rica o propósito e objetivo da pesquisa, que era o de investigar os estudantes daquela escola do campo em relação a suas percepções sobre a oferta do ensino remoto. A gestão da escola nos autorizou e pudemos dar início à pesquisa, explicando aos alunos e alunas e depois realizando a aplicação do questionário. Nosso argumento com a direção foi de que ouvir a opinião dos estudantes pode auxiliar na melhoria de um projeto político pedagógico voltado para as demandas reais dos alunos, e da comunidade escolar. E, deste modo, pode-se proporcionar aos estudantes uma educação mais crítica, participativa e adequada às suas condições.

A pesquisa é de natureza básica e qualitativa, teve como instrumento de coleta o uso de um formulário produzido através da plataforma online Google forms e elaborado por meio de um

questionário estruturado com seis perguntas abertas. Dado o tempo que tínhamos e o objetivo, que era levantar percepções do ensino vivenciado naquele momento, optamos por poucas questões, mas que pudessem nos dar algumas respostas sobre as perspectivas dos estudantes e suas dificuldades. O *link* que a plataforma disponibiliza foi compartilhado por meio do aplicativo de mensagem WhatsApp, uma vez que todos os participantes tinham smartphones.

A coleta dos dados foi feita no período entre um a três de dezembro de 2020. Por entender que tal levantamento pode se tratar de uma atividade didática, a escola informou que os pais ou responsáveis desses estudantes já assinaram no ato da matrícula o consentimento da participação de seus filhos.

No intuito de garantir o anonimato desses estudantes, os nomes foram substituídos por algarismos alfanuméricos da seguinte maneira: E1 (Estudante 1), E2 (Estudante 2), E3 (Estudante 3) e assim consecutivamente.

As perguntas realizadas aos participantes da pesquisa foram: Qual a sua opinião sobre o ensino a distância ou ensino remoto em tempos de pandemia? Quais dificuldades você apresenta enquanto estudante para aprender por meio do ensino a distância ou ensino remoto? Quais as maiores facilidades ou vantagens que você considera que o ensino a distância ou ensino remoto proporciona? Como você tem se organizado para estudar a distância/remoto, ou seja, sem a presença física de um professor? Aponte os aspectos positivos do ensino remoto. Aponte os aspectos negativos do ensino remoto.

Os dados coletados no questionário foram analisados com princípios da análise de conteúdo Bardin (2011), ou seja, utilizando procedimentos sistemáticos, através de indicadores que, no caso de nossa pesquisa, foram qualitativos. Destacamos também que uma das pesquisadoras é professora da escola objeto da pesquisa e, portanto, contribui, na análise, com sua observação participante.

## Resultados

A educação no sistema remoto ficou monótona para alguns jovens do Ensino Médio e, ainda, muitos deles se sentiram desestimulados pelo ensino nesses moldes, assim desistiram das aulas e em alguns casos, simplesmente adiaram para o momento que retornar ao presencial, fato este narrado à professora/pesquisadora por seus alunos. Outro fator que desencadeou com o ensino remoto no campo foi o afastamento dos meninos para trabalharem, pois por não haver presença física os mesmos entendiam que não havia necessidade de seu ingresso na aula e que poderiam se ausentar durante o período, assim optavam em trabalhar nos plantios e colheitas nas fazendas, como também os alunos do sexo masculino deixavam de frequentar a aula para ajudar os pais nos afazeres das fazendas, ou simplesmente entravam na aula após terem ajudado nos trabalhos do campo.

O primeiro questionamento realizado aos estudantes foi referente a sua opinião sobre o ensino a distância ou ensino remoto em tempos de pandemia? Um total de 11 estudantes responderam que está bom, porém apresentam ressalvas quanto à qualidade. Já 04 estudantes afirmam estar satisfeitos com a oferta do ensino remoto a distância, pois defendem a modernidade da educação. Outros 10 estudantes alegam que o ensino ofertado desta forma é precário e dificulta o acompanhamento das aulas e compromete deste modo o aprendizado.

Os dados apresentados coadunam com o que nos afirma Arroyo (2007), que a educação no campo requer uma adequação, no entanto esta adequação não pode afetar a qualidade. Portanto, em se tratando de educação do campo a oferta do ensino de forma remota apresenta desafios maiores que em relação a zona urbana. Por outro lado, há os estudantes investigados que defendem o ensino remoto como um fator de inovação para educação. Como nos aponta Zacariotti (2019) é importante e urgente que as tecnologias adentrem a escola no sentido de oportunizar diferentes instrumentos para a educação, modernizando e facilitando a aprendizagem.

Ao serem questionados acerca das dificuldades apresentadas para aprender por meio do ensino a distância ou ensino remoto, cinco respondentes falaram dos problemas com a conectividade e isso fica ilustrado na resposta dada pelo (E2): “A maior dificuldade é a conexão com a internet, muitas vezes perco a conexão e fica difícil acompanhar a aula via *Teams*.” O problema



da conectividade de fato é um desafio, como ressaltam os dados apresentados pela Agência Brasil (2020) quanto à desigualdade existente entre as zonas urbanas e as regiões mais longínquas do país.

Outro aspecto mencionado como dificuldade em relação a acompanhar o ensino remoto foi a falta de rotina. Três respondentes abordaram com mais ênfase essa questão. Segundo um deles (E6), “por mais moderno e atual que esteja o ensino remoto pode ser facilmente comprometido por qualquer tipo de distrações.” As repostas trazem à tona a análise feita por Rosa (2020) sobre o ensino a distância, mediado por tecnologias, de ser um desafio que precisa ser encarado a fim de pavimentar um caminho para sua efetividade e, para isso, ela acredita ser fundamental pensar a formação docente.

17 estudantes destacam fragilidades do ensino mediado por recursos tecnológicos em função, do que eles consideram, falta de didática. O entrevistado E14 explica que é difícil acompanhar o método de ensino de determinados professores. ...” alguns explicam rapidamente conteúdos que deveriam ganhar mais atenção. Outro aspecto importante é a quantidade de atividades, pois em determinadas disciplinas há muitas atividades para um período curto de tempo.” Deste modo os dados coadunam com o que nos apontam Miranda e Rocha (2020), para quem não basta inserir o ensino remoto, é preciso pensar em estratégias para torná-lo efetivo, de modo que a educação não tenha prejuízos e sim possa avançar e se modernizar.

Os investigados também foram ouvidos sobre as maiores facilidades ou vantagens do ensino remoto. As repostas sobre as vantagens dividiram-se entre a praticidade (resposta dada por 08 investigados) e a vantagem de não ter deslocamento (4 respondentes). Como afirma Dayrell (2009) é importante que a escola e estudantes estejam em sintonia e que haja consonância entre as expectativas do que a escola oferece e do que os jovens almejam. Quanto ao aspecto de não precisar se deslocar, usar o transporte escolar percebe-se aquilo que Santos (2020) destacou sobre a pandemia ter escancarado as desigualdades sociais. De fato, o transporte escolar nas zonas rurais se configura um problema, seja pela qualidade, seja pelas distâncias percorridas. Muito tempo entre a moradia e a escola, fazendo com que muitos tenham de levantar muito cedo ou chegar muito tarde, no retorno.

Outros quatro ressaltaram a satisfação de fazer parte de um momento de mudança da educação. Já cinco investigados destacaram o fato de poder estudar usando o celular como vantagem, uma vez que antes era proibido usar o aparelho. As respostas nos levam a refletir sobre essa percepção de que as tecnologias são consideradas por eles avanço, mudança e possibilidades. Ao falarem da liberdade de poderem usar o celular demonstram o que Castells (2000), há mais de 20 anos já chamava a atenção ao falar que o computador reconfigurou as relações humanas e promoveu mudanças em diversos setores sociais. Para ele, isso deveria ser levado em conta em todas as áreas. E olha que nem falava ainda de um mundo virtualizado como o de hoje. Portanto, cabe observar a importância de atualização de métodos e metodologias na educação, pois ela não pode ficar inerte e alheia às mudanças da sociedade.

Quanto às desvantagens, cinco respondentes disseram não ver nenhuma vantagem. Tal resposta suscita a desconfiança de que talvez o modo que o ensino remoto foi implantado, a metodologia ou as dificuldades com Internet não foram adequados e não contemplaram as expectativas dos estudantes. Como observam Zacariotti e Souza (2019) é preciso pensar em uma concepção metodológica que atenda às especificidades do ensino mediado por tecnologias. E, no caso deste ensino remoto emergencial em escolas rurais, certamente tais questões não foram muito pensadas.

Outro questionamento foi como eles estavam se organizado para estudar a distância, ou seja, sem a presença física de um professor. Cinco alunos alegaram dificuldade para se organizar, o que se evidencia na resposta do E 12: “complicado dizer, pois eu não fico só em uma casa, eu vou para outras duas casas uma no município de Santa Teresinha e outra, que é a casa do meu irmão, na cidade”. Ou seja, como se organizar se a pessoa está em constante mudança de espaço? Lembrando Frigotto (2017), nem todos têm as mesmas condições. Isso ficou muito evidente no momento da pandemia e os professores passaram a conhecer melhor as diversas situações pois de certa se aproximaram mais e tiveram mais elementos para compreender a realidade do aluno.

Por outro lado, 20 estudantes responderam que conseguiam manter uma rotina de estudo, com local e hora para estudar “Organizei um espaço apenas para os estudos, longe de qualquer

distração, com a presença apenas dos itens necessários para estudar e estar presente nas 4 horas de aula, sem qualquer devaneio,” Explicou E 22. Deste modo, o estudante tem condições de avançar e explorar as potencialidades da tecnologia como aponta Moreira, Henriques e Barros (2020) aparelhos como o celular podem ser importantes aliados da educação a fim de mitigar os efeitos da pandemia. No entanto, isso não se estende a todos uma vez que há aqueles que sequer possuem um aparelho para esta finalidade.

Foi solicitado por meio do questionário aos investigados apontar os aspectos positivos do ensino remoto e as respostas dadas foram: 6 estudantes responderam como positivo o fato de não pôr a saúde em risco. Enquanto 5 dos investigados responderam que o ensino remoto intensificou a relação entre professores e alunos. Já 1 respondeu que por meio do ensino remoto o pai pode acompanhar as aulas, enquanto 8 responderam que o ensino remoto apresenta facilidade e praticidade, já 5 destacam que a única vantagem é dar sequência ano letivo de 2020.

Ao questionar quanto aos aspectos negativos do ensino remoto as repostas dadas foram no sentido da falta de conectividade apontada por 6 estudantes, 4 apontaram a distância entre professor e estudante, 10 elencam o despreparo dos professores e a metodologia de ensino como pontos negativos. 5 dos investigados alegaram a dificuldade de concentração para estudar em casa e sozinho. Tal afirmação evidencia a importância da escola para os jovens. Como aponta Dayrell (2011), os jovens veem a escola como um espaço importante, que vai além da mera formação escolar, mas também um espaço de socialização.

Para a pesquisadora e professora da educação do campo, é perceptível a exclusão que esse momento trouxe para aqueles que são vulneráveis no contexto campo, pois nem sequer à pesquisa o aluno que reside afastado de tudo e de todos teve acesso. Eles não dispõem de aparelhos que permitem sua conectividade, muito menos acesso à internet. Seus materiais para estudo chegavam uma vez por mês, com o motorista do ônibus escolar, momento em que aproveitavam para devolver as atividades do mês anterior que foram possíveis de serem desenvolvidas, pois este aluno não teve acesso a nenhuma explicação/contato online com os professores.

## Considerações Finais

Pesquisar o assunto da educação do campo em tempos de pandemia foi muito interessante e importante, pois foi possível constatar o que as juventudes do campo sentem, suas angústias e seus anseios para uma educação de qualidade.

A pesquisa evidenciou que o fato dessas juventudes estarem no campo não estão alheios aos acontecimentos e nem à tecnologia. Porém pode ser percebido que a educação no formato remoto excluiu de forma cruel alguns desses alunos, sendo a falta de conectividade o fator principal. Ou seja, a maioria está a par das tecnologias e até gostaram de usar para estudar. Mas há ainda uma parcela que nem sequer tem aparelhos celulares.

Na verdade, a pandemia escancarou a realidade da sociedade brasileira quanto à desigualdade social e, também, o descaso do governo em relação à educação. Uma vez que em meio à crise sanitária foi perceptível que aqueles que antes já tinham dificuldade de aprendizagem já passavam por problemas econômicos e estruturais foram praticamente excluídos da escola por não ter os meios necessários para acessar a aula. E os efeitos deste descaso será vivenciado ao longo de muito tempo. A escola, os professores, como sempre, tentam ajudar. Criam, estratégias como a impressão do material. Mas imaginem a dificuldade de não ter o professor como mediador? Imaginem, também, a sensação de exclusão?

É urgente pensarmos em tudo isso. Sabemos que nada voltará a ser como antes. Está claro que metodologias novas, propostas de avaliação e de estudos com mais ferramentas digitais devem ser a tônica do ensino, mas não podemos nos furtar ao debate e enfrentamento de todas as fragilidades existentes. E resistir para que não se faça mais uma vez imposições de políticas excludentes, que não levem em conta a diversidade de escolas, alunos, professores em diferentes regiões e espaços.

Esperamos com nossa reflexão, ainda que pontual, ajude a mostrar um pouco outras realidades. São pequenas mostras de que ainda temos muito a caminhar no sentido da educação transformadora de Freire, pois ainda demos apenas alguns primeiros passos em direção à igualdade

de condições e de acessos. A estrada é longa e há bastante a evoluir para que todos e todas consigam seguir num ritmo similar, com qualidade e condições estruturais favoráveis.

## Referências

ARROYO, Miguel Gonzalez. Políticas de formação de educadores(as) do campo. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 27, n. 72, p. 157-176, maio/ago. 2007. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 25 nov. 2020.

ARROYO, Miguel Gonzalez. Políticas de formação de educadores(as) do campo. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 27, n. 72, p. 157-176, maio/ago. 2007. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 03 nov. 2020.

ARRUDA, Eucidio. Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. **EmRede**, v. 7, n. 1, p. 257-275, 2020. Disponível em: [https://www.rehsearchgate.net/publication/341411723\\_EDUCACAO\\_REMOTA\\_EMERGENCIAL\\_elementos\\_para\\_politicas\\_publicas\\_na\\_educacao\\_brasileira\\_em\\_tempos\\_de\\_Covid-19](https://www.rehsearchgate.net/publication/341411723_EDUCACAO_REMOTA_EMERGENCIAL_elementos_para_politicas_publicas_na_educacao_brasileira_em_tempos_de_Covid-19). Acesso em: 01 out. 2020.

AZEVEDO, Fernando de. **A educação e seus problemas**. 4. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1962.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. **Parecer CNE/CP nº 5, de 28 de abril de 2020**. Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=145011-pcp005-20&category\\_slug=marco-2020-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=145011-pcp005-20&category_slug=marco-2020-pdf&Itemid=30192). Acesso em: 3 out. 2020.

BRASIL. Constituição. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 22 nov. 2020.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Vol.1. São Paulo, Paz e Terra, 2000.

DAYRELL, Juarez Tarcisio. Jovens Olhares Sobre a Escola do Ensino Médio. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 31, n. 84, 2011. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 12 nov. 2020.

DAYRELL, Juarez Tarcisio. **Por uma pedagogia da juventude**. Disponível em: [https://midiasstoragesec.blob.core.windows.net/001/2017/09/anexo-i\\_por-uma-pedagogia-da-juventude\\_juarez-dayrell.pdf](https://midiasstoragesec.blob.core.windows.net/001/2017/09/anexo-i_por-uma-pedagogia-da-juventude_juarez-dayrell.pdf).

DELEUZE, G. **Cursos sobre Spinoza (Vincennes, 1978-1981)**. Fortaleza: EDUECE, 2012.

DEMO, Pedro. **Atividades de aprendizagem: sair da mania do ensino para comprometer-se com a aprendizagem do estudante [recurso eletrônico]**. Campo Grande, MS: Secretaria de Estado de Educação do Mato Grosso do Sul –SED/MS, 2018. Disponível em: <http://www.sed.ms.gov.br/wp-content/uploads/2018/12/eBook-Atividades-de-Aprendizagem-Pedro-Demo.pdf>. Acesso em 27.nov.2020.

FREIRE, Paulo. **Educação Como Prática da Liberdade**. Edição 44. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** / Paulo Freire. São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura)

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A gênese das teses do Escola sem Partido: esfinge e ovo da serpente que ameaçam a sociedade e a educação.** In: Escola “sem” partido: esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira / organizador Gaudêncio Frigotto. Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2017.

GADOTTI, Moacir. Lições de Freire. **Rev. Fac. Educ.**, São Paulo, v.23, n. 1-2, jan. /dez. 1997.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais e educação.** 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

HARVEY, D. **Condição Pós-moderna.** São Paulo: Loyola, 1989.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva. Por uma antropologia do ciberespaço.** Tradução: Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Edições Loyola, (1998).

LEÓN, Oscar Dávila; ABRAMO, Helena Wendel. **Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais.** São Paulo/SP. Ação Educativa, 2005, p. 10. Disponível em: <https://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/05623.pdf>.

MELO, Josimeire Medeiros Silveira. **História da Educação no Brasil.** 2 ed. Fortaleza: UAB/IFCE, 2012.

MIRANDA, José Fernando Bezerra; ROCHA, José Damião Trindade. Cibercultura e Mobilidade: a Utilização de Smartphones em Sala de Aula. **Revista Humanidades e Inovação**, v.7, n.9, 2020.

MORAES, Maria Célia Maria de. Recuo da Teoria: dilemas na pesquisa em educação. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 1, n.14, p.7-25. Universidade do Minho Braga: Portugal, 2001. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/25652827.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2020.

MOREIRA, José António Marques; HENRIQUES, Susana ; BARROS, Daniela. Transitando de um Ensino Remoto Emergencial Para Uma Educação Digital em Rede, em Tempos de Pandemia. *Dialogia*, São Paulo, n.34, p. 351-364, jan./abr. 2020. DOI: <https://doi.org/10.5585/Dialogia.N34.17123>. Acesso em: 06 out. 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Tedros Adhanom Ghebreyesus. Disponível em: <https://twitter.com/DrTedros>. Acesso em: 12 mar. 2020.

ROCHA, Damião; COELHO, Marcos Irondes; BOMBARDA, Fábio. **A escola do pé de manga: unidocência e classe (multi)seriada de uma escola rural mato-grossense.** *Revista Humanidades e Inovação*, v.7, n.12, 2020.

ROSA, Rosane Teresinha Nascimento da. **Das aulas presenciais às aulas remotas: as abruptas mudanças impulsionadas na docência pela ação do Coronavírus - o COVID-19!** **Rev. Cient. Schola**, v. VI, Nr1, jul. 2020. Disponível em: [http://www.cmsm.eb.mil.br/images/CMSM/revista\\_schola\\_2020/Editorial%20I%202020%20\(Rosane%20Rosa\).pdf](http://www.cmsm.eb.mil.br/images/CMSM/revista_schola_2020/Editorial%20I%202020%20(Rosane%20Rosa).pdf). Acesso em 22 ago.2020.

QUEIROZ, João Batista Pereira de. A Educação do Campo no Brasil e a Construção das Escolas do Campo 1. **Revista Nera**, Presidente Prudente, n. 18, p. 37-46, 2014.

SANTOS, Ramofly Bicalho. História da Educação do Campo no Brasil: O protagonismo dos movimentos sociais. **Teias**, v. 18, n. 51, 2017.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Editora Almedina, 2020.

SAVATER, Fernando. O valor de Educar. São Paulo; Martins, 1998.

SAVIANI, D. **História das Ideias Pedagógicas no Brasil**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2008.

VALENTE, Jonas. **Brasil tem 134 milhões de usuários de internet, aponta pesquisa**. A maioria acessa a internet pelo celular. AGÊNCIA BRASIL. Brasília. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-05/brasil-tem-134-milhoes-de-usuarios-de-internet-aponta-pesquisa>. Acesso em: 27 nov.2020.

ZACARIOTTI, M. E. C.; SOUSA, J. L. Dos S. Tecnologias digitais de informação e comunicação como recurso de mediação pedagógica. **Revista Observatório**, v. 5, n. 4, p. 613-633, 1º jul. 2019.

ZIECH, Márcia Eliana. A Educação do Campo na Perspectiva da Educação Popular. **CONTEXTO & EDUCAÇÃO**, Editora Unijuí, n. 102, Ano 32, maio/ago. 2017.

Recebido em 07 de dezembro 2022.

Aceito em 12 de janeiro de 2023.